

12 Estruturalismo

A desrepressão da linguagem poética de Cacaso aconteceu concomitantemente com uma das mais famosas discussões da teoria literária brasileira, a querela estruturalista. Se na prática poética o grande inimigo a ser batido era o formalismo das vanguardas programáticas, na teoria, o estruturalismo deveria ser atacado com a mesma força.

De acordo com Italo Moriconi, em 1996, “tantos anos são passados, mas as questões então levantadas nunca chegaram a ser realmente aprofundadas por um debate coletivo específico. Sabe-se o que não se deseja. Mas não se sabe muito bem o que se deseja” (MORICONI, 1996: 55). A polêmica, de acordo com Italo, foi incitada por um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Exorcismo”, publicado no Jornal do Brasil de 12 de abril de 1975, no qual o poeta literalmente demonizava o vocabulário crítico “renovado” da universidade brasileira, alheia ao mundo fora dos muros acadêmicos. No mês seguinte foi a vez de Lêdo Ivo, poeta da Geração de 45, publicar no jornal O globo o texto “A morte da literatura brasileira” no qual, reafirmando a posição do poeta itabirano, escreveria:

As causas de uma possível rarefação intelectual devem ser buscadas ou no cansaço dos velhos e veteranos, ou nos controles de repressões pedagógicas e atemorizações teóricas que fazem silenciar os jovens antes mesmo que eles se disponham a falar e a cantar (IVO, 1975)

Se para o poeta alagoano o principal aspecto nocivo “dos togados abutres do pessimismo” seria a repressão à liberdade literária, associada diretamente ao regime ditatorial, o poema de Carlos Drummond dividiria a mesma opinião que o artigo de José Guilherme Merquior, “O estruturalismo dos pobres”, publicado no Jornal do Brasil em 27 de janeiro de 1974, o primeiro texto a desqualificar, em tom agressivo, a adoção da corrente filosófica francesa nas universidades brasileiras. Tanto o poeta quanto o crítico atacam o despropósito da “falta de tradição crítica” do intelectual brasileiro em importar tal escola do pensamento:

[O estruturalismo no Brasil é] uma conviência bem conformista com a situação crítica da *intelligentsia* latino-americana e, em particular, com a crise da educação

superior. Não é por acaso que o ator ou espectador por excelência do festival estruturalista é o aluno ou ex-aluno da universidade *massificada*. (MERQUIOR, 1975: 12)

José Guilherme faz apenas uma única ressalva em relação ao corpo docente do ensino superior brasileiro: para ele a USP, “a mais amadurecida das nossas instituições universitárias”, foi a única a resistir ao “delírio estruturalista”. Dada a importância das opiniões de Merquior para Cacaso, tal afirmação provavelmente alimentaria decisões profissionais futuras na vida do poeta, conforme os próximos capítulos.

No extenso poema de 11 estrofes, Carlos Drummond de Andrade arremata cada estrofe com a máxima *Libera nos, Domine*. Depois de listar uma série de terminologias da teoria estruturalista nas 10 primeiras estrofes como “semema”, “semantema”, “estruturação silábica dos falares regionais”, “semivocóide homorgânico”, “fatividade”, “substrato acústico do culminador”, “linguística frástica e transfrástica”, o poeta itabirano finaliza o texto “dando nome aos bois”:

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Sausurre, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*
Libera nos, Domine
(ANDRADE, 2003: 868)

Do outro lado da trincheira, o defensor da teoria estruturalista na PUC-Rio, Luiz Costa Lima, que, anos antes, em 1968, com a organização de *O estruturalismo de Lévi-Strauss*, seria o primeiro difusor das ideias da escola francesa no ambiente acadêmico brasileiro, conforme assinala Regina Lúcia de Faria no artigo “A polêmica do estruturalismo ou ‘Quem tem medo da teoria?’”. Antes de o jornal *Opinião* se tornar no final de 1975 o principal palco de batalha entre Costa Lima, seus seguidores e leitores e aquilo que Moriconi assinalou como “ofensiva extra-universitária”, mas muito bem formada pelo corpo discente e docente da Faculdade de Letras, dois debates realizados no Teatro Casa Grande, organizados pelo mesmo jornal, serviram de mobilização para que os dois lados pudessem se posicionar. Sobre as duas reuniões Cacaso fez a sua resenha no mesmo *Opinião*. A primeira, “Literatura e política”, datada de 28 de julho de 75, revela que o encontro contou com mais de 1500 pessoas na plateia e com as falas

de Affonso Romano de Sant'Anna, professor da Letras da PUC-Rio, o romancista Antônio Callado e o crítico Antonio Candido. Em comparação com o segundo encontro, tudo “transcorreu num clima de muita formalidade e enquadramento, de lado a lado” (CACASO, 1975). Cacaso afirma que Affonso Romano, em relação à “polêmica da teoria”,

chamou a atenção para os enormes progressos feitos pela chamada *crítica universitária*²⁴, da qual se diz adepto, e que representa a transformação da crítica numa disciplina altamente especializada, dotada de terminologia específica, acessível apenas aos iniciados, além de seu caráter basicamente instrumental. Segundo esta posição, é “natural” que a crítica literária não seja entendida pela grande maioria dos mortais, que afinal também não está capacitada para entender a linguagem do engenheiro, do matemático, etc. (CACASO, 1975)

Ao citar a frase de Sant'Anna: “Eu, p.ex., escrevi um livro de crítica estruturalista e não sou estruturalista” proferida no encontro, Cacaso alfineta seu colega de trabalho da PUC-Rio ao afirmar que tal atitude “sugere a anulação de qualquer vínculo valorativo, em última análise político, entre indivíduo e teoria”, transformando o crítico, Affonso, como mero operador das regras de “auto-suficiência apriorística daquelas teorias” (idem). Antonio Carlos ressalta no texto a discreta relativização dos pontos levantados por Affonso Romano por parte do professor Antonio Candido. Na segunda reunião no Casa Grande, resenhada por Cacaso no *Opinião* do dia 22 de setembro,

de quase tudo teve um pouco: expressões de médio e baixo calão, frase de efeito, agressões ressentidas e recíprocas entre palco e plateia, baixíssimo nível dos debatedores, despreparo e improvisações à moda da casa, retratações, boas e sofríveis intenções, ataques histéricos, bobagens com e sem fundamento, etc., etc. Lá pelas tantas, uma velhota sapeca saltou para o palco, arriscou alguns passos de balé (CACASO, 1975).

A participação de Ana Cristina Cesar enquanto representante dos alunos da PUC contra o estruturalismo é sensível na confrontação do texto de Cacaso com o de Italo Moriconi. Italo afirma que Ana e Sonia Palhares, aluna da UFRJ, “atucanaram os ouvidos do pobre [palestrante] Antonio Houaiss, acusando-o de

²⁴ Conforme destaca Regina Lúcia de Faria no seu supracitado artigo sobre a polêmica estruturalista, a importância do “Plano Nacional de Pós-Graduação” foi primordial para o surgimento na década de 70 dos cursos de mestrado e doutorado em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura tanto na PUC-Rio, quanto na UFRJ. Os mesmos cursos já existiam na USP desde a década de 60.

permanecer fiel a uma concepção mimética da relação entre linguagem e realidade” (MORICONI, 1996: 60). Na resenha, Cacaso reproduz irônica e fantasiosamente algumas das frases das duas alunas: “Por que não há nenhum representante da literatura do mimeógrafo e da imprensa nanica na mesa? Vocês são uns velhos ultrapassados e voltados para a defesa do neo-realismo russo. Estão distantes da realidade. Ponham-nos na mesa, seus sacripantas, pusilânimes” (CACASO, 1975). Da plateia do teatro às páginas do *Opinião*, o principal ponto dessa ofensiva, como bem resume Italo, era “que ao tentar melhor compreender o fenômeno literário [da teoria francesa], os professores moderninhos acabavam por desestimular os talentos de escritor que porventura frequentassem os bancos escolares” (MORICONI, 1996: 57). Para Cacaso tal posição seria um tiro no pé no panorama que ele mesmo estava consolidando com o diálogo aberto da poesia marginal dentro da universidade.

Luiz Costa Lima escreveu em “Quem tem medo da teoria?” que desde a década de 50, com “a ampliação da base econômica”, “o advento de um público diversificado” e “a lição do modernismo” permitiram o aparecimento de “uma literatura diferenciada, indo desde a vertente mais avançada até a mais epigônica”. A ressalva é que “na frente propriamente crítica, o salto, porém foi menor”, porém este “hoje se prepara” à luz do estruturalismo. Diferentemente de Cacaso, Costa Lima era entusiasta da poesia dos irmãos Campos e, enquanto crítico, estava a procura de uma linha teórica que não partisse de “raízes locais” nem da “experiência pessoal”, conforme a “exacerbação do chauvinismo idiota” vigente. A resposta de Antonio Carlos ao artigo de Luiz Costa Lima, publicado no *Opinião* de 21 de novembro de 1975, demorou apenas uma semana: foi o texto “Bota na conta do Galileu, se ele não pagar nem eu”, estampado no *Opinião* de 28 de novembro. Em tempos sem internet, e-mails e redes sociais, um verdadeiro recorde, que ajudou ainda mais a inflamar a discussão. A resposta a esse mistério da velocidade da leitura de Cacaso reside no fato de que, também colaborador do *Opinião*, o poeta teve acesso ao datiloscrito do artigo de Costa Lima antes de sua publicação. A prova é a fotocópia deste datiloscrito com as rubricas de Cacaso que serviriam como base na sua réplica. Distante ideologicamente tanto de Costa Lima como de Lêdo Ivo, representante dos poetas de 45 (pelos quais Antonio Carlos nutria aversão), Cacaso acaba, no seu artigo, acusando os dois lados. O poeta alagoano “defende as imprevisíveis transgressões do espírito em nome da

verdade: é um romântico anacrônico” (CACASO, 1975), e o crítico pernambucano “se preocupa em discutir exclusivamente a importância isolada da teoria enquanto tal (na verdade *sua* teoria), silenciando sobre seus componentes institucionais” (idem). Cacaso no seu artigo, assim como na resenha da primeira reunião do Teatro Casa Grande, chama atenção para a falta de relação entre a teoria importada e a política: “a reflexão teórica fica acadêmica, sem interesse, se não vier combinada com a reflexão política” (idem). O poeta afirma que tal “rotina pedagógica universitária” (da PUC-Rio, onde ele mesmo leciona), não existe na USP, reafirmando as colocações de José Guilherme Merquior.

Em seguida, Carlos Nelson Coutinho, lukacsiano declarado, somou-se ao coro de Cacaso (e da maioria dos alunos do curso de Letras da PUC-Rio), com o artigo “Há alguma teoria com medo da prática?”, afirmando que:

A obra de arte é uma objetivação histórico-social, que — através de meios específicos — tem como meta expressar a autoconsciência da humanidade. Essa objetivação e essa expressão subordinam-se a leis e cumprem funções de natureza especificamente social. Por isso, a compreensão delas não pode reduzir-se à análise das leis de sua necessária base linguística, já que essa lhe serve apenas como pressuposto material (COUTINHO, 1975)

Cacaso, em outro texto, inédito, salienta a importância da opinião de Carlos Nelson Coutinho sobre o estruturalismo e sua natureza “anti-histórica donde deriva sua posição conservadora e formalista”. O ponto de vista de Coutinho é explicitamente uma crítica baseada nas obras da maturidade de Georg Lukács, principalmente o livro *A destruição da razão*. Para o autor, endossado por Antonio Carlos, o estruturalismo só terá triunfado após

eliminar de sua esfera teórica todas as questões colocadas pela ética humanista, pela ontologia materialista e pelo historicismo concreto. Isso feito, e sob o escudo de um cientificismo abstrato, o estruturalismo transforma-se na mais moderna apologia do mundo capitalista manipulado (CACASO, 1975)

Para Cacaso a escola estruturalista é cria da tradição que remonta ao positivismo de Auguste Comte (não à toa chamou Costa Lima de “torcedor do positivismo” no seu artigo) e ao “neokantismo cientificista”, cuja característica comum consiste em “afastar da realidade os problemas de conteúdo, os problemas da contradição real” para que o uso do real seja homogeneizado, formalizado,

manipulado sem qualquer consideração pela sua natureza objetivamente contraditória.

Ainda em 1975, Luiz Costa Lima organizou e publicou o livro *Teoria da literatura em suas fontes*, no qual procura abarcar as principais correntes do pensamento crítico-literário do século XX. Estão lá a “Estilística”, o “Formalismo russo”, o “New criticism” e o “Estruturalismo”. Quanto a corrente uspiana de Antonio Candido, é a única que aparece no índice do livro não com o sufixo “ismo” que garante a teoria uma nomenclatura “oficial” de uma escola de pensamento, mas como simples “análise sociológica”. Neste capítulo, diferentemente dos outros, figura uma introdução feita pelo próprio Costa Lima, criticando os pontos-chaves da sociologia da literatura. Conforme Moriconi, o estruturalismo brasileiro “falava de um lugar eminentemente defensivo” (MORICONI, 1996: 56).

Esta introdução se diferencia das outras presentes neste volume porque, em lugar de uma apresentação sistemática, abrangendo o histórico da análise sociológica e um elenco exaustivo de seus problemas, métodos e resultados, apenas destacamos alguns problemas capitais à moderna concepção sociológica da literatura (LIMA, 1975: 295)

De um lado Cacaso ataca Costa Lima afirmando que o sucesso estruturalista se deve ao regime de “fiscalização em que intelectuais e professores trabalham”, num clima de “insegurança física e profissional” no qual a “reflexão crítica pode significar desconforto para aquele que a pratique”, bem como “ao prestígio da moda, um pouco à nossa tradição de colonialismo intelectual”. Já Luiz Costa Lima afirma que

o sociólogo se defronta com a obra literária (ou artística) sem se colocar a questão de seu valor (estético). Como, entretanto, o faz a partir de um conjunto de valores outros — oriundos de seu grupo social de referência, de sua metodologia ou mais genericamente, de sua concepção de linguagem — sua tendência é moldar seu objeto de acordo com tais outros valores. (idem)

No meio da troca de acusações, a aluna Ana Cristina Cesar, *a priori* contra a invasão estruturalista dentro da universidade, relativiza os dois lados da questão na última tréplica publicada pelo *Opinião* em 12 de dezembro no artigo “Os professores contra a parede”, ao afirmar que “tomar partido no debate *teoria x*

não-teoria não é embarcar para o inferno ou para o paraíso, mas numa canoa furada” (CESAR, 1999: 146):

É preciso acabar com a Idea de que os debates e as produções de conhecimento se desenvolvem no céu puro da verdade ou da ciência. Toda produção e toda transmissão de conhecimento estão vinculadas a uma posição ideológica e à posição de produtor dentro da instituição. [...]

A relação entre professor e aluno assume muitas vezes um caráter de *sedução*: o aluno copia a matéria sem dizer palavra, embasbacado com o brilhantismo do professor, aplica os seus modelos e injeções ao texto literário. O bom professor passa a ser “aquele que ‘tenta’ eroticamente sua turma, e que reina sobre ela com um sultão sobre seu harém” (idem: 147)

De acordo com Moriconi, a relação de Ana com a polêmica em curso estava muito mais numa “dimensão pessoalizada, corporalizada e cotidiana do sistema acadêmico que na oposição maniqueísta e abstratizante entre teoria e não-teoria” (MORICONI, 1996: 67), o que revela uma sintonia de liberdade expressiva, espécie de *zeitgeist*, com o fazer poético de Chacal, identificado por Fernanda Medeiros como “espécie de militância existencial e meio de sobrevivência”:

Chacal agregou à poesia novas possibilidades de realização, transmissão e recepção. [A linguagem nos seus poemas] prima por sua fisicalidade — ela é antes de tudo som, batida, levada. [...] A poesia encarnada tem desejo comunicação, desejo do outro — cumprindo seu destino de corpo. (MEDEIROS, 2010: 14-15)

Por sua especialização ideológica-estética de esquerda, Cacaso, em vez de se alinhar a terceira posição de seus alunos, encabeçada por Ana, “efetivamente democrática, fora da dicotomia elitismo versus populismo” (MORICONI, 1996: 66), destronou a aluna, dissuadida pelo grupo de alunos pró-Costa Lima de que seria impossível uma unanimidade no pensamento partido da Letras. Cacaso simpatizaria mais com os argumentos de Carlos Nelson Coutinho, o que serviu para que o então aluno Luiz Eduardo Soares, pró-estruturalismo, pudesse acusar sua teoria esquerdista de um “lukacsianismo ultrapassado” (CACASO, 1975).

No mesmo caderno que Cacaso escreveu seus “primeiros versos marginais” na convivência com o grupo da fazenda de Lui, há um esboço de uma nova metodologia para um possível futuro “curso de poesia” na qual ele reconhece a separação dentro da universidade “entre teoria e experiência de conhecimento da obra”.

Então está em jogo uma questão de atitude diante da coisa. Nossa primeira proposta é relaxar um pouco este padrão universitário de encarar a coisa. Eu preferia que as pessoas falassem sinceramente o que pensam das coisas, e com seus próprios recursos. Vamos dizer: um bate-papo franco sobre a poesia que vamos ler. [...]

Nós, já que não adotamos nenhuma teoria especial, também não teremos porque adotarmos autores já legitimados pela rotina universitária.[...] É uma experiência sem dúvida boa de ser feita: dar a opinião pessoal (não atada e dependente de esquemas interpretativos prévios) sobre uma coisa que está sendo vista pela primeira vez naquele momento (ainda não enquadrada em nenhuma teoria prévia). (CACASO, 1975)

A ojeriza aos “esquemas paralisantes” somada ao contato com a “poesia encarnada” de Chacal e a “utopia delineada por Ana” (MORICONI, 1996: 68) ao longo de 1975, que culminaria com seu artigo de 12 de dezembro, todos refletidos nesses esboços, a princípio despreziosos, não ativariam em Cacaso uma posição radicalmente libertária em relação a poesia, sugerida nas entrelinhas da citação acima. Cacaso continuaria a sua missão de teórico da geração, porém longe da universidade: ele se desligaria da PUC-Rio em 1975²⁵, coincidentemente o mesmo ano da formatura de Ana Cristina Cesar. Outro fator, fora o descontentamento com a instituição acadêmica, pesou definitivamente na escolha de Antonio Carlos: a música. Neste mesmo ano a canção “Dentro de mim mora um anjo”, feita em parceria com Sueli Costa, foi incluída na trilha sonora da novela *Bravo*, da Rede Globo. Outras duas parcerias com Sueli, “Amor, amor” e “Face a face”, foram gravadas respectivamente por Maria Bethânia e Simone. Já no ano seguinte, Milton Nascimento regrava a primeira composição do poeta, “Carro de boi” no LP *Geraes*, e o poeta se tornaria o principal letrista das composições de Edu Lobo. A fonte de renda de Cacaso se tornaria principalmente a música, e não mais o salário de professor.

²⁵ Outro fato digno de nota na biografia de Cacaso foi sua primeira viagem ao exterior. Entre 7 de fevereiro e 10 de março de 1975, hospedado na casa de Roberto Schwarz em Paris, Cacaso conhece a capital francesa e, durante uma semana, Londres. No dia 9 de março o poeta escreve no seu diário (o mesmo caderno levado para a Fazenda Santa Maria): “Roberto e eu vamos almoçar com Merquior, passamos no hotel dele. Merquior está a caminho de Londres, onde vai servir por 3 anos. Almoço num restaurante italiano, conversa animada”.